



## **VOZES MULTICULTURAIS DE ESCRITORES CANADIANOS**

**MANUELA MARUJO**  
**UNIVERSIDADE DE TORONTO**

### **RESUMO**

Nas palavras de Suwanda Sugunasiri : “A literatura canadiana é um oceano alimentado por muitos rios nos quais se confundem as lágrimas de tristeza e alegria de cerca de setenta grupos culturais”. A identidade multicultural do país tem sido expressa através das vozes dos escritores canadianos de várias raças e etnias. Todavia, o Decreto-Lei do Multiculturalismo cujo objectivo principal é a manutenção e desenvolvimento da herança multicultural dos canadianos. foi aprovado apenas em 1988. Reconhece-se que a essência da experiência imigrante está na dualidade. Apanhado entre duas culturas e frequentemente mais do que uma língua, o escritor “étnico” tem que negociar um novo espaço literário. Por ser diferente no meio de uma cultura dominante, a experiência do outro concomitante com a necessidade de pertencer convergem nas obras destes escritores. O escritor hífenizado, isto é, italo-canadiano, sino-canadiano e tantos outros carregam um fardo e as limitações do chamado “mosaico” de que é composto o Canadá. Proponho discutir as questões acima descritas e apresentar algumas das vozes contemporâneas de escritores canadianos.

## Introdução

Neste trabalho, a minha proposta não é falar da literatura canadiana dominante. Por outras palavras, não irei referir-me à obra de Margaret Atwood, Al Purdy, Robertson Davies, Mordecai Richler e tantos outros nomes largamente divulgados do meio literário norte-americano. Faço esta observação pela necessidade de distinguir entre a literatura que, até há poucos anos, era a única aceite pela maioria como expressão de uma identidade canadiana (anglófona ou francófona) e literatura étnica ou a dos escritores canadianos de vozes multiculturais, terminologia preferida por alguns críticos literários. Também devo acrescentar que não é objectivo deste trabalho uma análise da literatura publicada nas várias línguas que coexistem no mosaico canadiano. Irei, em vez disso, destacar alguns dos escritores publicados em língua inglesa - uma das duas línguas oficiais do Canadá - escritores que são identificados como pertencendo a determinados grupos minoritários, quer eles aceitem ou não serem classificados num grupo à parte. É inegável que o contributo desses escritores veio enriquecer o universo literário do Canadá. Esse é o país onde muitos deles já nasceram, para onde outros foram trazidos muito novos ou ainda o país que um outro grupo de autores escolheu como residência.

Linda Hutcheon e Marion Richmond em Other Solitudes: Canadian Multicultural Fictions<sup>1</sup> obra que serve de fundamento a muitas das minhas asserções - indicam a razão que as leva a evitar o uso do termo étnico quando se referem a estes escritores.<sup>2</sup> Na

---

<sup>1</sup> Other Solitudes -Canadian Multicultural Fictions, Oxford University Press, 1990, p.2

<sup>2</sup> Este termo é frequentemente usado no país, não só nos meios de comunicação social, mas por sociólogos e público em geral para designar tradições, vizinhanças e a expressão cultural dos vários grupos linguísticos de que se compõe o país.

verdade, o carácter problemático dos dois significados historicamente atribuídos à palavra contribui para que haja uma rejeição a esse rótulo não só da parte dos próprios escritores, mas também das comunidades a que eles pertencem. Nas palavras de Hutcheon e Richmond:

[The first definition comes from] the Greek root *ethnos*, meaning “nation” or “people” - [it] should suggest that *all* Canadians are ethnic, including French and British; the fact that the word is *not* so used points to a hierarchy of social and cultural privilege.[...] The second strand of meaning is derived from usage: whether in its earlier associations with ‘pagan’ and ‘heathen’ or in its more recent ones with ‘foreign’, the word ‘ethnic’ always has to do with the social positioning of the ‘other’, and is thus never free of relations of power and value (1990, p.2)

Como facilmente se deduz, há uma tendência para a desvalorização da escrita literária dos escritores classificados como *étnicos*; para as autoras e para muitos dos ficcionistas estudados é importante encontrar a terminologia adequada que permita uma abordagem à sua obra despida dos preconceitos que a palavra carrega.

### **Identidade canadiana**

Os povos colonizadores do Canadá ou, como habitualmente denominados, - nações fundadoras - foram os franceses e os ingleses. A presença dos outros imigrantes de mais de uma centena de grupos linguísticos e etnoculturais não foi, até à segunda metade do século XX, reconhecida como determinante para a composição de uma identidade dos canadianos que, nos nossos dias, se reconhece como sendo essencialmente de carácter multiétnico, multilingue e multicultural. No Ontário, a maior e mais populosa das dez províncias, vigorou durante os primeiros séculos uma política assimilacionista anglófona e nem os franceses foram suficientemente fortes para a combater. Foi só no início dos anos setenta,

com Pierre Trudeau que o reconhecimento oficial da nação como bilingue e bicultural entrou em vigor. Em 1970, uma *Royal Commission on Bilingualism and Bilingualism* apresenta um relatório The Cultural Contribution of Other Ethnic Groups que leva Trudeau<sup>3</sup> a reconhecer publicamente em 1971 o contributo de outros grupos étnicos para a identidade do país. Esse reconhecimento conduz à adopção, anos mais tarde, de uma política multicultural que se baseia no reconhecimento da co-existência no país de muitos e variados grupos linguísticos e culturais cuja contribuição não podia continuar a ser ignorada. A aprovação de uma política federal multicultural (Multiculturalism Canadian Act, 1988) permite ir mais longe: ficam salvaguardados e protegidos os direitos de qualquer cidadão canadiano independentemente da sua língua e herança cultural. Essa política teve consequências determinantes para a nação. Não é pertinente fazer aqui uma análise da política multicultural nas suas diversas vertentes; o multiculturalismo tem sido elogiado e criticado com o mesmo fervor por correntes opostas desde a sua declaração até aos nossos dias. Ao falar de literatura, todavia, não poderei deixar de mencioná-lo. Os escritores que publicam no Canadá, cujas vozes estão matizadas pela cor das suas raízes sejam elas de carácter religioso (o caso dos escritores judeus, dos hindus por exemplo), minorias visíveis (os escritores das Ilhas das Caraíbas, da Índia, do China) ou os hífenizados (os ucraniano-canadianos, sino-canadianos ou grego-canadianos) começaram nos últimos cinquenta anos a ocupar um lugar de direito na literatura canadiana como consequência do idealismo e ideologia multicultural.

---

<sup>3</sup> Trudeau was Prime Minister from 1968-1984; the charismatic Quebec intellectual changed Canada. He gave the country a Constitution, a Charter of Rights and official bilingualism among many other great deeds.

## **Vozes multiculturais**

A book must be the axe for the frozen sea within us... if the book we are reading doesn't shake us like the blow on the skull, why bother reading it in the first place? (Kafka)<sup>4</sup>

Num trabalho desta natureza, seleccionar autores e excluir outros é tarefa árdua e ingrata. Northrop Frye na sua obra-prima Anatomy of Criticism afirma que cada narrativa contém em si mesma a visão individual do autor e a sua relação com o universo. A minha selecção é baseada em preferências pessoais por autores cujas visões me sensibilizaram ou que me abriram universos desconhecidos na paisagem do vasto e fascinante espaço literário-cultural canadiano de escritores contemporâneos. Dadas as limitações de espaço, escolhi cinco autores que apresentarei de modo breve, e a quem indubitavelmente não farei justiça<sup>5</sup>: Joy Kogawa, uma nipo-canadiana, W.D. Valdargson, descendente de islandeses de quinta geração, Himani Bannerji, oriunda do Bangladesh, Tomson Highway, um índio canadiano e ainda Erika de Vasconcelos, uma luso-canadiana.

### **JOY KOGAWA**

Joy Kogawa, cujo livro *Obasan*, lhe deu renome internacional, nasceu no Canadá em 1935, de pais imigrantes do Japão. Durante a Segunda Grande Guerra, à semelhança do que aconteceu com outros imigrantes japoneses, Joy e a sua família foram forçados a viver num campo de segregação (*internment camp*) durante dois anos, depois de serem despojados dos seus haveres. A injustiça sofrida pelos japoneses durante esses anos de

---

<sup>4</sup> Citado em *A love of Reading* de Robert Adams, McClelland & Stewart Ltd, 2001, Toronto, Canada, p.2

guerra num país que os tinha acolhido e que era a pátria de muitos é transmitida com muita beleza em páginas de grande delicadeza e sensibilidade. A obra de Kogawa é permeada pela experiência da sua infância e a repercussão que essa vivência teve no resto da sua vida. Joy Kogawa tornou-se porta-voz da comunidade nipónica-canadiana e a sua actividade política está intimamente ligada à sua escrita *engagé*. A obra de Kogawa muito contribuiu para o sucesso do *redress*, isto é, o reconhecimento ao direito a uma indemnização da parte do governo canadiano a todos os japoneses que sofreram danos materiais e morais durante a guerra. Ler *Obasan* é penetrar numa época ignorada nos manuais de História do Canadá e na mentalidade de um geração racista e cheia de preconceitos: Kogawa retrata a discriminação exercida contra os japoneses de primeira ou segunda geração naqueles anos, a capacidade de perdoar e recomeçar tudo de novo desculpando o tratamento sofrido por vizinhos e conhecidos. O livro é comovente e parte fundamental da ficção literária do país.

#### W.D. VALGARDSON

William Dempsey Valgardson nasceu em Winnipeg em 1939. Cresceu em Gimli, uma área na província de Manitoba onde os seus antepassados islandeses se tinham fixado na última década do século 19 (New Iceland). Ainda conheceu o bisavô que o influenciou profundamente. Embora tenha nascido no Canadá e a sua mãe seja de origem irlandesa, a obra de Valgardson reflecte as experiências da comunidade islandesa de pescadores e trabalhadores rurais. O seu imaginário é influenciado pelas sagas que o seu bisavô lhe contava e que o fizeram admirar a luta diária do homem comum na sua luta contra a

---

<sup>5</sup> Bibliografia dos autores mencionados é apresentada no fim deste trabalho.

pobreza e contra um clima inóspito. As suas histórias retratam também os conflitos e o choque inevitável que se verificam entre pessoas de diferentes religiões, culturas e costumes. São, no entanto, a beleza dos seus contos para crianças que mais me fascinam. Os seus livros para crianças Thor, Sarah and the People of Sand River, Garbage Creek and Other Stories e outros são um veículo para a transmissão da herança cultural dos islandeses no país que também de direito lhes pertence.

#### HIMANI BANNERJI

Himani Bannerji nasceu em 1942, no Bangladesh, chegou ao Canadá em 1969 para continuar os seus estudos de pós-graduação na Universidade de Toronto. É professora de sociologia e tem publicado contos, poesia e artigos em várias revistas. O seu livro para crianças Coloured Pictures fê-la ocupar um lugar bem visível na literatura de vozes multiculturais. A protagonista da sua história, uma menina indiana que, na escola, a pedido da professora, desenha o retrato da sua família semelhante ao de todas as outras crianças na sua sala de aula - uma mãe loura de olhos azuis, um pai de barba ruiva, ela mesmo loirinha de rabo de cavalo, com sardas na cara - choca a sua mãe, de pele escura e traços indianos. Todas as questões que aos pais de crianças de “minorias visíveis” se colocam no contexto da suas vidas no Canadá, estão exemplificadas na história. As dúvidas que se levantam no espírito desta mãe são as que estão no coração de muitos pais de imigrantes que, em circunstâncias semelhantes, se interrogam sobre a decisão crucial de terem desenraizado os seus filhos e as consequências traumatizantes que advêm dessa medida. É impossível não ficar sensibilizado ao lermos:

‘First I bring her here’, she thought, ‘and then I try to make her feel guilty for not wanting to be like the others.’ But something had taken hold of her this evening. Panic as the thought of losing her child, despair and guilt galvanized her into speech she regretted, and she looked with anger at her only child, who it seemed wanted to be white, who had rejected her white mother. Someday this child would be ashamed of her, she thought, someday would move out into the world of those others. Someday they would be enemies. (citado em Hutcheon & Richmond 1990, p.143)

### TOMSON HIGHWAY

O total desrespeito pelos povos aborígines e o esquecimento a que têm sido votados nos quase quatro séculos que marcam a presença dos europeus só muito recentemente têm sofrido um processo de resgate. As múltiplas línguas e culturas dos povos autóctones estão em risco de desaparecimento. Foi só em 1998, por exemplo, que o governo federal apresentou um pedido formal de perdão ao povo nativo pela forma cruel e xenófoba como foram tratadas as crianças durante dezenas de anos nos internatos (residential schools) sob a responsabilidade das igrejas.<sup>6</sup> Nestas escolas, as crianças índias eram castigadas física e psicologicamente se falassem as suas línguas e forçadas a assimilar a cultura inglesa ou francesa. Os índios canadianos nunca ocuparam no seu país um lugar de destaque, muito pelo contrário. Afastados para reservas onde a pobreza, o alcoolismo e drogas destroem muitas vidas e a esperança dos mais optimistas, aos nativos têm sido negados os meios para fazer ouvir as suas vozes. Há uma literatura insuficientemente divulgada para que haja simpatia ou compreensão para a verdadeira natureza das suas vivências.

Tomson Highway, um índio Cree, nascido em 1951, é uma voz de excepção. A sua obra de dramaturgo tem sido aplaudida e muito tem contribuído para que as vozes dos

---

<sup>6</sup> As últimas “residential schools” funcionaram até 1984. Nestas escolas as crianças nativas eram forçadas a esquecer as suas línguas, hábitos, religião, i.e., a sua identidade.

aborígenes comecem a despertar a atenção da maioria branca. A mitologia das várias nações (First Nations), os sonhos, a sua luta pela sobrevivência, a alegria de viver, a dor e a injustiça dos nativos, excluídos do bem estar da sociedade dominante são parte da temática da sua obra. As suas peças mais representadas são The Rez Sisters e Dry Lips Oughta Move to Kapuskasing. O romance Kiss of the Fur Queen, publicado em 1998 aborda o delicado tema do abuso sexual a que foram submetidas várias gerações de crianças índias nos internatos.

#### ERIKA DE VASCONCELOS

A primeira e até agora única voz de origem portuguesa a publicar em língua inglesa no Canadá foi Erika de Vasconcelos. A escritora publicou dois romances My Darling Dead Ones (em 1997) e mais recentemente Between the Stillness and the Grove (2000). Nascida em Montreal em 1965, Erika foi, no entanto, influenciada pelas histórias fascinantes que ouvia contar sobre a sua avó e tia-avó que viviam em Portugal. E confessou que tinha que escrever sobre isso “to get it out of my system before I could embark on other projects” (Silva Magazine, 1997). Em Meus Queridos Mortos, a ligação com o país de origem da sua família vai ajudar a protagonista/narradora da maior parte da história a redescobrir-se. A escritora afirmou que o livro não pretende ser uma história de imigração. Argumenta que a história não é sobre Leninha (a mãe) mas sobre Fiona que não é emigrante. É Erika quem diz:

[Fiona] is second generation Portuguese who is discovering her roots via her ancestors. The book is about that generation’s access to the past (Silva Magazine, 1997)

Portugal vai, por essar razão, servir de pano de fundo a uma grande parte do romance. A narrativa começa com a visita à avó que está num lar de idosos, nos arredores de Lisboa.

Eu vim para dar apoio, para ajudar a minha mãe a ver a mãe dela morrer neste lar, com 93 anos. A minha avó só está aqui há alguns meses, desde que a minha tia-avó morreu. Magdalena era irmã dela; era ela quem tomava conta dela (p.15-16).

Logo no início portanto, o leitor é apresentado às quatro mulheres que são as personagens mais importantes da acção; são mulheres de três gerações diferentes: a avó Helena e a sua irmã Magdalena; a mãe, Leninha, que emigrou para o Canadá e Fiona, a filha. Laura, a irmã de Fiona irá ainda juntar-se à destas mulheres. A avó e tia-avó são representadas sob o peso de uma sociedade cheia de preconceitos da qual, de certo modo, se libertam vivendo uma vida plena de paixão e segredos. O amor proibido, fora do casamento, o amor adúltero percorre as vidas destas mulheres quer no velho mundo (Portugal) quer no novo (Canadá). Contada na primeira e na terceira pessoas, e não em ordem cronológica as histórias são evocadas graças ao registo de cartas, memórias, extractos de diários. São as vozes das mulheres que predominam, mulheres que muito amaram e sofreram “E onde estão os homens, perguntar-se-ão vocês, que tão parcamente povoaram esta história” (p.94). Na verdade, as vidas delas giram à volta dos homens e os silêncios e gritos mudos de dor e rebeldia das mulheres que amaram os homens errados povoam a narrativa.

A história de Fiona, canadiana de segunda geração, em busca das suas raízes “obriga o leitor a dar-se conta de que a superfície da história está cimentada em outras

tradições e destinos” (Freitas, 1998, p.333). Vários episódios românticos da história de Portugal são recriados como é o caso do amor trágico de Pedro e Inês, contado a Fiona pela tia-avó Magdalena. Fiona é canadiana com uma alma que muito tem de português e é essa dualidade (doubletess) tão inerente à alma de grande parte dos imigrantes canadenses que Erika, como muitos dos escritores de vozes multiculturais a que me refiro neste trabalho, soube captar perfeitamente. É Freitas quem analisa:

“[...] ao dirigir-se a toda a temática que envolve essa descoberta do passado noutra país que não o seu, o romance torna-se, *ipso facto*, também numa história que tem a imigração como vector todo poderoso, assim como toda a experiência conflitual entre as primeiras e demais gerações, a questão do etnicismo não poderá ser diluída aqui por vontade própria da autora ou ainda pelo que ela possivelmente tencionava que fosse este romance” (p.334)

Na verdade, esta história só pode ter sido contada deste modo porque a mãe, Leninha, é imigrante e trouxe com ela um passado encerrado nos seus baús; as teias à volta das vidas da avó Helena e tia-avó Magdalena provocaram em Fiona reminiscências e saudades de um passado que a narradora foi forçada a desenterrar para que a sua felicidade fosse possível no país novo que já era o seu. Reflectindo sobre as razões que a tinham trazido a Portugal, uma vez mais, cinco anos após a morte da avó, ela parece ter completado essa busca, num reencontro consigo própria tão ansiosamente procurado:

Porque vim?

Vim pelas fontes em forma de quadrifólios, gotejando pelos pátios. Pelas pedras suaves das calçadas, gastas pelo caminhar de séculos. Pelo sabor do açúcar na boca, de manhã na praia. Por velhos em carroças puxadas por cavalos, que me chamam *menina*, e outros homens, cujos olhos e boca percorrem o meu corpo de cima a baixo: como as crianças não têm vergonha do seu desejo. Vim por reis e rainhas enterrados em túmulos e cães magros a roerem ossos de galinha em mercados ao ar livre e pétalas de rosa nos degraus das igrejas. Vim pelo mar sempre presente e pelos precipícios que dizem: *Olha,*

*vais escolher morrer hoje?Vê como é fácil cair!* Pela enorme estátua de Cristo cuja cabeça se curva sobre a cidade, neste país de pedra e velhos santos (p.204).

### **Conclusão**

Ao propor apresentar algumas das vozes multiculturais de escritores canadianos, tinha a consciência da limitação a que sujeitava este trabalho. Não dou de modo algum uma imagem aproximada da diversidade de vozes que clamam um espaço literário no país. Mais ainda, omiti toda a literatura em língua francesa, a qual me parece merecer um lugar à parte e que naturalmente engloba uma multiplicidade de vozes semelhantes às que se ouvem em inglês.

Num seminário que oriento na Universidade de Toronto e a que dei o título de “Bridging Worlds With Words” procuro divulgar esta literatura “étnica” colocando-a lado a lado com a literatura dominante para que seja liberta do estigma que alguns lhe atribuem. As vivências quotidianas dos cidadãos canadianos são por natureza de carácter multicultural; é portanto imperativo que, no seu imaginário, esse multiculturalismo se reflecta e interiorize na criação literária. Os escritores a que me referi neste trabalho acrescentam a dimensão sublime, transnacional e mesmo universal que só a literatura pode dar.

## REFERÊNCIAS

- Adams, R. (2001) A love of Reading. Toronto, Canada: McClelland & Stewart Ltd.
- Canadian Multiculturalism Act (1988) R.S.C. 1985, Chapter 24 (4<sup>th</sup> Supp.).
- Freitas, V. (1998) Voz da Diáspora para além do Oceano Atlântico in La Lusophonie Oceaniques, Université Libre de Bruxelles: Lidel
- Frye, N. (1957) Anatomy of Criticism. Princeton, N.J.: Princeton University Press.
- Hutcheon, L. & Richmond, M.(Edts) (1990) Other Solitudes: Canadian Multicultural Fictions. Toronto, Canada: Oxford University Press.
- Royal Commission on Bilingualism And Biculturalism (1969). The Cultural Contributions of the Other Ethnic Groups. Book IV of the Final Report. Ottawa, Canada: Queen's Printer.
- Vasconcelos, E. (1999) Meus Queridos Mortos. Lisboa: Gradiva.

## BIBLIOGRAFIA DOS AUTORES

### JOY KOGAWA

- The Splintered Moon. Fredericton: University of New Brunswick Press, 1968
- A Choice of Dreams. Toronto: McClelland and Steward, 1978
- Jericho Road. Toronto: McClelland and Steward, 1978
- Obasan. Toronto: Lester and Orpen Dennys, 1981
- Woman in the Woods. Oakville, Ont.: Mosaic Press, 1985
- Naomi's Road. Toronto: Oxford University Press, 1989
- Itsuka. 1992
- The rain Ascends. 1995

### W.D. VALDARGSON

- Bloodflowers. Ottawa:Oberon, 1973
- God is not a fish Inspector. Ottawa:Oberon, 1975
- In the Gutting Shed. Winnipeg: Turstone, 1976
- Red Dust. Ottawa:Oberon, 1978
- Gentle Sinners. Ottawa:Oberon, 1980
- The Carpenter of Dreams. Victoria: Skaldhus, 1986

The Girsl With the Botticelli Face. Douglas& McIntyre, 1992  
Thor. Grounddwood, 1995  
Sarah and the people of Sand River. Greenwood, 1998  
Garbage creek and Other Stories. Greenwood, 1999  
The Divorced Kids Club and Other Stories. Greenwood, 1999

#### TOMSON HIGHWAY

The Rez Sisters. Saskatoon: Fifth House, 1988  
Dry Lips Oughta Move to Kapuskasing. Saskatoon: Fifth House, 1989  
Kiss of the Fur Queen. Doubleday Canada Lda, 1998

#### HIMANI BANNERJI

A Separate Sky. Toronto: Domestic Bliss, 1982  
Doing Time. Toronto: Sister Vision, 1986  
Coloured Pictures. Toronto: Sister Vision. 1987

#### ERIKA DE VASCONCELOS

My Darling Dead Ones. Toronto: Alfred A. Knopf Canada, 1997  
Between the Stillness and the Grove. Toronto: Alfred A. Knopf Canada, 2001